

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Gazeta de Vitória Class.: Fund. Mata Virgem
Data 31.05.89 Pg.: 181

O embaixador de cocar

Gordon Mathew Summer é um cidadão inglês que pode ser considerado hoje o embaixador da política-rock mundial. É Sting. Louro, lindo e milionário, ele abraçou com força a luta dos povos do Terceiro Mundo, e vive numa maratona talvez mais trabalhosa do que as turnês que costumava fazer com seu ex-grupo (o legendário The Police, um dos mais criativos da história do rock ou sozinho. Numa dessas turnês já como megastar, Sting veio parar no Brasil.

Parou e gostou. Depois da sensação que imperou no Maracanã, Sting fez um outro show magnético — o **Direitos Humanos Agora! (Human Rights Now!)** —, dessa vez perpetuando a luta já iniciada nos **Live Aid** e **Band Aid** da vida. Sting, Tracy Chapman, Bruce Springsteen, Youssou N'Dour, Peter Gabriel, até Milton Nascimento, tava todo mundo lá, divulgando o 40º aniversário da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, aprovada pela ONU em 1948, em um espetáculo promovido pela Anistia Internacional. A Anistia, sabendo que o rock tem uma linguagem internacional e ligações profundas com a causa pacifista, apelou para quem já gosta da coisa.



Telefoto Reuters

Sting e Raoni: em defesa da Amazônia

Mas foi por causa do Brasil que o cidadão Sting tem causado o maior rebu. Apaixonado por Raoni, Sting tem dado a volta ao mundo em defesa da Amazônia, divulgando os problemas da devastação do verde e reivindicando a criação de um novo parque indígena. Por conta disso, Raoni já conheceu até Paris, sendo recebido com honras de chefe de Estado. Até aí, está tudo ótimo. Provavelmente, Sting vai conseguir alguma ajuda para esses exóticos tropicais. A polêmica é a publicidade que muitos alegam estar favorecendo a carreira do popstar.

Diário

“As tribos são um espetáculo

surpreendente, seus corpos nus pintados de negro. Os homens usam pranchas de madeira na boca, entre o queixo e seu dolorosamente esticado lábio inferior. Seus pênis estão bem presos sob cones de palha. Alguns seguram velhas armas; outros, bastões e lanças. Raoni os saúda primeiro e assegura a eles que somos amigos e que não desejamos lhes causar nenhum mal. As mulheres têm a parte superior da cabeça enfeitada, com uma estranha maquiagem negra no rosto. É o ponto de encontro de duas culturas completamente diferentes. São as pessoas mais orgulhosas que eu já conheci, orgulhosas e ameaçadoras. Fico contente em poder dizer que

pelo menos as crianças sentem medo de nós; devemos parecer a eles algo perigosos, mas os guerreiros não mostram tais dúvidas. O chefe chega para nos saudar, um ancião com um cocar de plumas de águia branca na cabeça que o distingue do resto da tribo. Mostramos um mapa e Raoni explica o que esperamos conseguir com nosso parque”. São essas as impressões de Sting, anotadas durante aquele “festival” que foi sua última visita à Amazônia, em fevereiro.

Paixão, publicidade; é o tipo de trabalho em que se está mais do que nunca exposto a críticas violentas. No entanto, Sting tem se saído bem como embaixador, com disposição. O ex-beatle Paul McCartney, que confia em Sting (“eu certamente não adotaria um índio, como ele fez com Raoni, mas acho que no seu caso o gesto é sincero e não tem nada de demagógico”), acha a polêmica natural (“qualquer um que estiver disposto a agir pelo bem da humanidade corre o mesmo risco”) mas faz um alerta: “Bob Geldof, por exemplo, arruinou sua carreira depois do **Live Aid**: a causa o absorveu a tal ponto que ele nunca mais foi capaz de fazer um disco”. Sting, pega leve.